



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3400 - Pôster - XIV ANPED-CO (2018)
GT 11 - Política de Educação Superior

REFLEXOS DAS VARIAÇÕES DO TRABALHO ACADÊMICO NA (RE)PRODUÇÃO DA CIÊNCIA NA
UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Egeslaine de Nez - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Warley Carlos de Souza - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Agência e/ou Instituição Financiadora: UFMT

Resumo:

Este ensaio teórico parte das inquietações sobre a produção incessante do conhecimento, categoria que reflete o contexto vivenciado pelas universidades brasileiras. Assim, objetiva compreender o movimento dos docentes universitários que foram obrigados a saírem da radicalidade epistemológica migrando para a superficialidade do comércio. Com a reorganização do modo de produção capitalista, a profissão docente se transforma e tudo é levado ao abuso e descomedimento. Assim, nem sempre possui limitações e nem críticas fundamentais em relação a si mesma; e, o triunfo do mercado por meio da globalização, serve como evidência dessa situação petrificada na academia. A relevância científica e política desse estudo é desvelar que o produtivismo acadêmico vem sendo pesquisado, denunciado e causa desconforto entres os pesquisadores. Todavia, é um paradoxo provocado pela lógica do mercado que precisa de um indivíduo produtivo, que também se constitua uma engrenagem da sociedade. Uma saída seria buscar expressão nas políticas públicas que possam analisar a [re]produção da ciência nas universidades brasileiras e reverberar decisões para um novo posicionamento, buscando compreender as variações do trabalho acadêmico.

Palavras-chave:

Educação Superior. Pesquisa. Produtivismo Docente.

A pesquisa como investigação de algo, nos lança na interrogação, pede reflexão, crítica, enfrentamento com o instituído, descoberta, invenção e criação. É um trabalho do pensamento e da linguagem para pensar e dizer o que ainda não foi pensado nem dito, uma visão compreensiva de totalidades, ação civilizatória contra a barbárie social e política, onde a reflexão, a crítica, o exame de conhecimentos instituídos, possibilita sua mudança e sua superação (CHAUI, 2001, p. 222 – grifo nosso).

Ao longo dos anos, a ciência passou a ser a resposta as grandes dúvidas, os gregos estabeleceram a observação da natureza como princípio para tais imprecisões. O mundo passou por grandes transformações, assim, a modernidade trouxe novas possibilidades de sentir, pensar e agir. A razão dada pela apropriação dos princípios científicos difundidos a partir de então, passa a ser objeto de desejo de todos os cosmopolitas no bojo da modernidade (JAPIASSU, 2007).

Para tanto, foi preciso massificar espaços que pudessem produzir e difundir pesquisas para a população, um desses lugares é a universidade. Nessa condição, sua característica basilar é ser o epicentro da produção do conhecimento erudito ou da cientificação dos conhecimentos “ditos” populares, um centro de questionamento. Assim, a universidade passa a ser influenciada pela sociedade que a cria o que por sua vez, também a influencia (PEREIRA, 2003). As grandes revoluções se iniciam no interior das mesmas, e, também no seu interior são analisadas, mas, via de regra as mudanças de comportamento no seio da sociedade não ocorrem de forma abrupta. Isso significa dizer

que uma mudança, seja no contexto social e/ou científico demanda um tempo histórico, às vezes até décadas ou séculos, para se materializar.

Nesse contexto, a função docente é antes de tudo a produção com rigor epistemológico, as aulas deveriam ser debates públicos gerados pela produção da ciência. Na reorganização do modo de produção capitalista, a profissão docente se transforma em sua essência. Vive-se um momento conflitante, tudo é levado ao abuso e descomedimento. Não possui limitações e nem críticas fundamentais em relação a si mesma; e, o triunfo do mercado por meio da globalização, serve como evidência dessa situação petrificada.

As modificações nas condições de trabalho impeliram os docentes a serem consumidores de ciência e a grande maioria acaba por não conseguir produzi-la, por total falta de tempo, pois a burocratização é um dos elementos que serve como base para as relações universitárias. Tal movimento relembra Fausto de Goethe, que relata a estória de um professor que andava muito triste e entediado. Num determinado momento se depara com Mefistófeles (diabo). Esse encontro devolve a vida ao professor que passa a viajar pelo mundo observando e conhecendo suas belezas, até que um belo dia descobre que vendeu sua alma ao diabo.

Esse poema dramático remete as grandes mazelas ocorridas no mundo do trabalho do docente nos últimos tempos. Pois, o modelo adotado pelas agências de fomento de pesquisa, e, como consequência direta e indireta, pelas universidades, sustenta a produção enlouquecida de artigos e premia pesquisadores pelas investigações de excelência. Isso é o inebriar e a sedução do canto das sereias nas universidades.

As condições de trabalho no início do século XXI mudaram significativamente a vida dos trabalhadores de um modo geral, e, entre os docentes, de modo particular, não foi diferente. Almeida (2012) explicita fatores preponderantes:

- 01) A elevada competitividade mundial por via da globalização das pessoas e dos mercados;
- 02) A utilização massificada de dispositivos eletrônicos nas organizações de trabalho e nos tempos de lazer;
- 03) Os movimentos migratórios e fluxos de empresas de organização e de trabalhadores a uma escola mundial com impacto nos postos de trabalhos disponíveis, nas qualificações, nas competências e, nas formas organizacionais (p. 05).

Tais características objetivam o trabalho docente para uma nova lógica de existir, agora vive-se a lógica da “prestação de serviços”, retirando a autonomia do pensar, transportando-o para a lógica eminentemente mercadológica. Bianchetti e Machado (2012) corroboram com essa ideia quando expõem que:

A “cultura da contabilidade”, a busca da produtividade por todos os meios e como fim, o controle, o antiintelectualismo, a transformação das universidades em corporações, o “menosprezo pelas humanidades”, “a introdução da ideologia de mercado na academia” e outros tantos problemas devem-se “àqueles que empregam as técnicas de administração de empresas e invadem a casa do intelecto” [...] (p. 07 - grifos do autor).

Assim, os docentes foram obrigados a saírem da radicalidade epistemológica migrando para a frivolidade do comércio. Leva-se em conta a quantidade de produtos acadêmicos que são produzidos nas universidades (HOSTINS, 2013), para localizá-las num ranking mundial, que serve até para distribuição de recursos para a pesquisa.

Como a lógica do mercado é de que o cliente sempre tem razão, os docentes relegados a essa reordenação, em algumas áreas e situações específicas são impelidos a abandonarem o rigor da produção do conhecimento, passando apenas a agradar o cliente, para tanto, tornou-se um consumidor de ciência e não um produtor. Deste modo, a profissão docente passa a ser fetichizada, ou seja, passam a sonhar com as produções que são inerentes a sua atuação. Santos (2004) expõe que:

[...] a preocupação crescente dos docentes universitários em realizar o maior número de pesquisas e de publicações, mesmo que estas não satisfaçam seus interesses e estejam aquém de seu potencial intelectual em termos de qualidade, mas que sejam capazes de garantir a quantidade, o que resultará, muitas vezes, em um melhor conceito sobre seu trabalho e da sua instituição, por parte dos comitês criados pelo Estado avaliador (p. 1153).

Diante desse quadro, as alterações das mudanças introduzidas nas universidades em decorrência do aprofundamento da cultura do desempenho, denotam o agravamento do processo de intensificação e precarização do trabalho docente.

Uma saída possível seria buscar expressão nas políticas públicas que possam refletir e analisar sobre a produção e a [re]produção da ciência nas universidades brasileiras e reverberar decisões acertadas para um novo posicionamento com relação a essa problemática, buscando compreender as variações do trabalho acadêmico nesse novo processo.

A consequência dessa argumentação é a de que a universidade contemporânea não é mais uma república das letras; a despeito de ser dirigida pelo objetivo de promover o avanço do conhecimento, incorpora grupos com interesses específicos e legítimos que não tratam traduzem essa finalidade suprema (GIANOTTI, 1986).

As agências de pesquisa precisam avaliar as ações decorrentes desse movimento, pois mesmo que o produtivismo acadêmico tenha sido pesquisado e denunciado, essa cultura ambiciosa causa certo desconforto entres os pares. É, pois, um paradoxo provocado pela lógica do mercado que precisa de um indivíduo produtivo, que também se constitua uma engrenagem da sociedade. Contudo, não deixa de ser um narciso, o belo jovem que admira exageradamente a sua própria imagem e nutre uma paixão excessiva por sua própria imagem refletida na água, que se potencializa na exacerbação do *lattes*. Essa é a caracterização de uma era marcada pelo culto exacerbado do individualismo.

Com essa caracterização de aprisionamento dos pesquisadores a uma produção acadêmica exuberante, a Educação Superior, de maneira geral, passa a ser alvo de disputas, Nietzsche (2001) afirma que a educação que massifica e é apresentada de forma superficial, aprisiona o sujeito em preconceitos e não cumpre seu papel fundamental, de retirá-lo do seu estado de rudeza, da barbárie (ZEA, 2005). Assim, sujeitos que deveriam ser livres por meio do conhecimento científicos para realizar suas escolhas, são levados a realizá-las como a multidão, tendo a falsa ideia que suas ideias e atitudes são tomadas única e exclusivamente pelos seus pensamentos.

Referências

ALMEIDA, P. P. **Variações sobre o trabalho moderno**. Lisboa: Mundos Sociais, 2012.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. “**Reféns da produtividade**” sobre produção do conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3503--Int.pdf>. Acesso em: 02 set. 2012.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

GIANOTTI, J. A. **A universidade em ritmo de barbárie**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HOSTINS, R. C. L. Formação de pesquisadores em programas de excelência de pós-graduação em educação. **Revista brasileira de educação**. V.18, n. 53, 2013.

JAPIASSU, H. **Como nasceu a ciência moderna: e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiadamente humano**. São Paulo: Escala, 2001.

PEREIRA, E. M. A. A universidade nos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade. LOMBARDI, J. C. (org.) **Temas de pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SANTOS, L. C. P. Formação de professores na cultura do desempenho. **Educação e sociedade**. Campinas: Cedes/UNICAMP, v. 25, n. 89, set./dez. 2004.

ZEA, L. **Discurso desde a marginalização e a barbárie**. São Paulo, Garamond, 2005.